



A formação de professores em perspectiva: Uma abordagem a partir do conceito de trabalho de Foucault

La formación docente en perspectiva: Una aproximación al concepto de trabajo de Foucault

DOI: <https://doi.org/10.24979/ambiente.v1i1.1077>

Marilda Vinhote Bentes - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima/IFRR <https://orcid.org/0000-0001-9004-7870>

RESUMO: Este artigo objetiva aprofundar-se na ideia de trabalho proposta por Michael Foucault, que determina esse conceito a partir das definições econômico-sociais de Adam Smith, valorando-o por tratar-se de um processo e poder, sendo ao mesmo tempo definido como um produto em si mesmo, haja vista a segmentação dos métodos trazidos pela Revolução Industrial e pela globalização. Para tanto, discute-se sobre formação de professores enquanto meio de valorização do trabalho como fim e como meio, destoando-se do ideal, de acordo com a economia racional, do indivíduo que toma suas decisões com base na racionalidade, priorizando a manutenção de sua utilidade no mercado. Além disso, considera-se relevante sob a égide desta pesquisa evidenciar alguns aspectos pertinentes a essa formação, em que pese não se tratar tão somente da gestão do trabalho e da visão utilitarista, mas também alcançar a evolução da atividade e os mecanismos que imprimem valor sobre ela.

Palavras-chave: Formação. Professores. Trabalho. Utilitarismo.

RESUMEN: El artículo tiene como objetivo profundizar en el pensamiento de Michael Foucault, que define ese concepto a partir de las definiciones económico-sociales de Adam Smith, valorizándolo por tratarse de un proceso de poder, siendo al mismo tiempo definido como un producto en sí mismo, vista la segmentación de los métodos derivados de la Revolución Industrial y por la globalización. Para tal, se discute sobre formación de profesores como medio de valorización del trabajo, chocando con la idea, de acuerdo con la economía racional, del individuo que toma decisiones basadas en la racionalidad, priorizando el mantenimiento de su utilidad en el mercado. Además, se considera relevante en este trabajo, demostrar algunos aspectos fundamentales de esa formación, en que se sostenga, no abordar solamente de la gestión del trabajo y de la visión utilitaria, sino también alcanzar la evolución de la actividad y los mecanismos que dan valor sobre esa formación.

Palabras-clave: Formación. Profesores. Trabajo. Utilitarismo.

INTRODUÇÃO

No contexto geral do ser humano, muitos termos ganham ênfase por serem de usos habituais no cotidiano. Um exemplo disso é a palavra *trabalho*. Essa palavra é oriunda do latim *tripalium*, que significa um instrumento antigo usado na lavoura. Em outra compreensão, para os romanos, o *tripalium* era, também, um objeto utilizado para a tortura, já que a palavra *tipaliare* significava ser torturado (ALBORNOZ, 1994, p.10).

Independentemente de sua origem, a palavra tem um uso cotidiano, corrente, bem como apresenta uma acepção mais metalinguística, isto é, quando ela funciona como um conceito dentro de determinado pensamento teórico ou filosófico. Assim, autores tais como: Foucault (1999), Ricardo (1772-1823), Batista e Guimarães (2009), debruçaram-se para demonstrar entendimento acerca das concepções que envolvem tal compreensão.

Tendo isso em vista, considerando o processo evolutivo e histórico da humanidade, bem como o fato de o termo trabalho ser polissêmico, possuir características variadas e envolver a formação de professores, este artigo parte dos estudos de Michel Foucault (1999) sobre o conceito de trabalho, procurando relacioná-lo à formação de professores. Dessa forma, é pensada a formação docente, inicial e continuada diante dos tensionamentos sociais e históricos do ser professor (a) e de desenvolver o trabalho de professor (a), pois para a posição foucaultiana, há, no trabalho, um engajamento político e preocupação com mudanças sociais, isso ocorre porque o corpo está mergulhado num campo político e de mudança, mas envolto por relação de poder e de dominação.

Ao introduzir o conceito de trabalho, Foucault (1999) permite uma comparação histórica sobre a evolução do trabalho enquanto finalidade em si mesma e como método para atribuição de valor às coisas, de modo que, o teor do tema proposto, pode ser

considerado nesses dois aspectos. Nessa perspectiva, inicialmente, trabalho aparece como um conceito reintroduzido na sociedade.

O conceito, tal como aparece em Foucault (1999), leva diretamente ao fomento histórico em que foi primordialmente verificado em Adam Smith (2013), que analisou os padrões econômicos de sua geração e compreendeu o trabalho como a força destinada à consecução de determinados bens ou serviços, a própria mão de obra que dedica tempo e habilidades ao processo e imprime naquilo o valor de mercado.

Por outro lado, além dessa perspectiva, é necessário ainda elucidar o tópico sob a égide de este ser o fim em si mesmo, afinal de contas, o trabalho, por si só já se configura como um empenho de valor para determinados fins, de forma que o próprio processo qualificado já se denota como o resultado de uma série de constructos que elevaram os níveis de mão de obra. Para Foucault (1999),

[...] como justificar essa identidade, em que fundá-la a não ser sobre uma certa assimilação, admitida na sombra mais que esclarecida, entre o trabalho como atividade de produção e o trabalho como mercadoria que se pode comprar e vender? (FOUCAULT, 1999, p. 273).

Essa medida torna-se relevante à proporção que se coloca como fator de classificação para a ordem econômica. Além disso, passa a consubstanciar o esforço, a força e a mão de obra operária como moeda de troca, abrindo-se para novas possibilidades e dando maior valor no mercado para a atividade intelectual e para o investimento nesse segmento.

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A RELAÇÃO DE TRABALHO

A partir dos conceitos apresentados acima, é oportuno envolver a formação de professores, inicial e continuada, ante a compreensão de que o trabalho deixou de ser a simples força e tornou-se produto, o que não é constante, ultrapassando os limites da mera representação e identificação realizada nos tempos de

escambo. Assim, fuge-se das classificações objetivas propostas por Adam Smith (2013), pois este autor trouxe à tona o processo da divisão crescente do trabalho, e adentra-se no conceito de Ricardo (1996) sobre o tema, a partir da compreensão de que a teoria da produção está intrinsecamente ligada à possibilidade de troca, que agora não se funda mais no objeto, mas sim no processo, emergindo o papel desempenhado pelo capital.

Assim, a formação de professores no Brasil torna-se um objeto de estudo relevante tendo em vista o conceito em análise, apresentado por Foucault (1999), a partir dos conceitos contidos na economia política apresentados por Ricardo (1996) e Smith (2013), mas transcendendo-os. Essa justificativa é reforçada quando se considera que esse processo de aperfeiçoamento observa obstáculos, institucionalizados ou não, relativos à normatividade referente ao tema, às características socioeducacionais, aos cursos formadores e aos currículos dos cursos de licenciaturas.

Tal relevância consiste na compreensão do indivíduo frente a determinados sistemas de sujeição, em que a força de trabalho é compreendida a partir das relações de poder e demais comportamentos sociais, inclusive nas relações de trabalho quando fogem dos limites capitalistas de produção massiva e levam à subjetividade de compreender que o trabalho adita valor não somente à mercadoria como também ao indivíduo “[...] ou seja, o trabalho seria uma idéia [sic] complexa, historicamente construída no interior de múltiplos dispositivos sociais.” (BATISTA; GUIMARÃES, 2009, p. 127)., mesmo porque nesse contexto que envolve a formação docente na dinamicidade da sociedade, em uma relação com o trabalho, por ser uma atividade profissional, o professor se torna útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso, pois considera-se questões ideológicas.

Desse modo, a formação docente compreendida como a união de diversos fatores

complexos – desde as políticas educacionais de base, o financiamento básico das redes públicas de ensino, a cultura nacional e regional – leva à inclusão da condição dos professores sob outra óptica, uma vez que os movimentos, na primeira década do século XXI, foram no sentido de impulsionar a educação de base, pela melhor oferta de qualificação profissional. Nesses termos,

Observando o crescimento relativo dos cursos de formação de professores, entre 2001 e 2006, verifica-se que a oferta de cursos de Pedagogia, destinados à formação de professores polivalentes, praticamente dobrou (94%). As demais licenciaturas tiveram um aumento menor nessa oferta, cerca de 52%. Porém, o crescimento proporcional de matrículas ficou bem aquém: aumento de 37% nos cursos de Pedagogia e 40% nas demais licenciaturas (GATTI, 2010, p. 1360-1361).

Por outro lado, Gatti (2010, p. 1370) propõe reflexões sobre currículos e ementas dos cursos de formação, de modo que esses também possam passar a configurar um obstáculo ao crescimento e valorização do trabalho do professor, aduzindo que “[...] um grande número de ementas registra frases genéricas, não permitindo identificar conteúdos específicos.”. Desse modo, passa-se a um outro problema limitador do desenvolvimento do professor frente às novas oportunidades do mercado, uma vez que não cessa o desequilíbrio entre teorias e práticas:

Então, mesmo no conjunto de 28,9% de disciplinas que podem ser classificadas como voltadas à formação profissional específica, o que sugerem as ementas é que esta formação é feita de forma ainda muito insuficiente, pelo grande desequilíbrio entre teorias e práticas, em favor apenas das teorizações mais abstratas (GATTI, 2010, p. 1370).

Nesse ponto, são coadunados esses esforços que envolvem currículo e ementas dos cursos com o aproveitamento do homem em sentido estrito, uma vez que, em Foucault, o trabalho

deve ser administrado e gerido por meio de um sistema de utilidade (pensamento moderno), devidamente regulado, em um meio de oferta que aproveite o homem e a sua capacidade produtiva. Para Gatti (2010), esse fato indica que o foco está apenas nas teorias políticas, sociológicas e psicológicas para a contextualização das barreiras do trabalho na formação docente.

Assim sendo, verifica-se que os processos vitais de fomento são ofertados inicialmente pelo Estado, mesmo que a ele não estejam limitados, levando à satisfação das relações de poder. Isso tudo baseado no adestramento, acúmulo de capacidades e uso da força paralelamente ao desenvolvimento do ser vivo, em seus processos biológicos, de forma que, socialmente, está havendo um condicionamento do indivíduo para buscar o trabalho e nele se aprimorar pela satisfação material.

Cumpra registrar, então, que, no que diz respeito ao teor do processo formativo, o Brasil comporta dois grandes seguimentos contrastantes surgidos ao longo do século XIX, isto a partir do valor imputado ao conteúdo ou à forma. Destarte, no primeiro modelo, tem-se o valor concedido ao conteúdo efetivamente ensinado e absorvido pelo docente, de maneira que às academias compete a disposição dos conteúdos a fim de promover a construção do saber, de modo que “[...] não cabe à universidade essa ordem de preocupações”, pois trata de “[...] modelo dos conteúdos culturais-cognitivos de formação de professores” (SAVIANI, 2011, p. 9).

Contudo, no segundo seguimento, tem destaque aquela formação que valoriza o processo pedagógico-didático, de modo a consubstanciar o papel do educador que alcança muito além da transmissão do conteúdo. Nessa condição, não estariam se formando, em teoria, professores, pela própria finalidade da sua atividade, mas sim com processos pedagógicos intencionais e sistematicamente desenvolvidos para

possibilitar a construção do conhecimento e o envolvimento da cultura em que a sociedade se insere.

Isso leva à reflexão de outro ponto, para além da utilidade trabalhada nas teses de Michel Foucault (1999). Trata-se da visão do trabalho como obrigação ou mesmo como o produto da razão, ressaltando as relações de poder e o seu valor nesse cenário de desqualificação da mão de obra. Assim, ao considerar o trabalho como “unidade insuperável e absoluta do valor”, seu pensamento destoa-se ao abstrair o desenvolvimento da formação em que estejam ausentes todo e qualquer esforço físico ou psicológico, o sofrimento e o cansaço quando da determinação da qualificação do profissional enquanto ser que evita trabalho desnecessário usando o julgamento racional, pois leva à preponderância do conteúdo sob a forma.

Essa análise revela uma visão pouco qualitativa do processo de construção do saber, racionalizando as estratégias para identificar as relações de poder/saber como um remédio para alcançar a moralidade, em uma visão utilitária. Essa se afasta da análise do conhecimento enquanto técnica aplicável a determinados contextos sociais e econômicos, mesmo que relevantes, uma vez que o cerne permeia tão somente o trabalho, a produção e o esforço produtivo.

Observa-se, contudo, que no histórico predominante da formação docente se identifica essa ambiguidade de forma válida, uma vez que seja aplicável. Isso se deve à segmentação do ensino, em níveis de acordo com o processo formativo e os níveis em que estão inseridos os professores e o seu público, de modo que aquela formação mais direcionada à forma é imperativa, ponderando sobre a perspectiva de que aqueles que lidam com a educação básica carecem de mais trato com o seu objeto/público.

Assim, a realidade opera para a formação de professores secundários ou da academia mais ligados ao conteúdo, reconhecendo ali, de certo

modo, a racionalização do sistema e dos trabalhos, de maneira que, nas relações de poder, verifica-se uma mais elitizada que a outra. Nesse sentido,

As tentativas ou esperanças de justificar e de ordenar o trabalho são atos marginais de sujeição ou de resistência. As estratégias de gestão do trabalho são aceitáveis no mundo de hoje não porque sejam “melhores” ou mais “humanas”, mas porque são inteligíveis nos termos da lógica que internalizamos, do nosso regime de verdades. As desigualdades de tratamento – por exemplo, o fato de que um professor universitário tenha maior salário, melhor status social, etc. do que um alfabetizador, que realiza um trabalho mais árduo, socialmente mais relevante e economicamente mais decisivo – pode ser justificado, racionalizado, mas dificilmente será sustentado em termos de uma razão fundamentada (THIRY-CHERQUES, 2017, p. 11).

Destarte, o produto da racionalização e da valorização de determinados segmentos, se mais árdus ou mais relevantes, faz retornar à concepção do valor sobre a formação do professor, uma vez que se afasta do processo de imbuir valor ou ao processo ou ao objeto, havendo diferentes perspectivas a serem contempladas em uma e outra.

A valorização do trabalho do professor ou de sua formação, neste ponto, remete à questão social-econômica de importância da classe como um todo e à sua própria fragmentação, de forma que a compreensão do labor opera em divergência com essa compreensão, por ser entendido como uma vítima da “[...] mutação do sujeito [...]”, levando à extinção do “[...] trabalho convencional [...] como razão fundante” (THIRY-CHERQUES, 2017, p. 11).

Nesse sentido, a formação inicial e continuada de professores, ante as dificuldades vivenciadas pela classe em um cenário pouco propício a sua valorização, emerge com representatividade e significância, mesmo que

a ela não seja concedida a mesma importância, no sentido de carecer de aprofundamento da racionalidade e mergulhar nos desdobramentos inerentes aos processos pedagógicos e lúdicos do ensino. Assim, é possível fazer um paralelo com um exemplo de Foucault (1999), acerca da evolução da economia, em que a fecundidade está atrelada à medida que o trabalho com a terra se torne cada vez mais duro e menos rentável.

Ora, esses bens, tão difíceis de obter, não são menos indispensáveis que os outros, se não se quiser que certa parte da humanidade morra de fome. **É, portanto, o custo de uma produção de trigo em terras mais estéreis que determinará o preço do trigo em geral, mesmo se foi obtido com duas ou três vezes menos trabalho** (FOUCAULT, 1999, p. 279, grifo nosso).

O que se tem aqui é o resultado de um trabalho árduo em que o preço depende da avareza da terra e não de ela ser prolífica. Questão essa que, em se tratando de trabalho na formação docente, torna-se sensível à sociedade, pois, ao pensar nesse processo de formação, tem-se o viés da historicidade que envolve o trabalho, a produção, bem como em razão do resultado do processo.

É possível pensar isso a partir do que Foucault discorre em *A vontade de Saber* (2001), quando explica que as relações de forças são inerentes à área de atuação, trazendo à tona o fato de que a atuação do professor possibilita não apenas conhecer a importância social de seu trabalho, mas poder gerenciar meios para que ele tenha boas experiências de vida, de trabalho e consiga superar os problemas sociais que porventura o envolve. É o trabalho inerente à condição em que ele se dá. O trabalho imerso em seu contexto.

VALORIZAÇÃO DO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO PROFESSOR

Considerando o trabalho, a produção e o lucro, cabe citar Batista e Guimarães (2009), pois promovem reflexão acerca da profissão e de sua formação apartada das relações econômicas. Nessa óptica, os autores identificam que, para determinados trabalhos, há outros critérios relevantes que permitem a sua valorização no mercado. Assim,

É muito comum haver descontentamento com a atividade, mas faz-se crer que ela por si, mesmo desconsiderando-se o pagamento, deve ser capaz de trazer um sentimento de realização, de prazer, simplesmente por se estar livre do não fazer nada (BATISTA; GUIMARÃES, 2009, p. 130).

Além disso, deve-se ponderar que é extremamente relevante o modo como se dão a evolução e o crescimento de determinada atividade, pois o valor ou as impressões sobre o trabalho, qualquer que seja, podem ser determinadas, já que Foucault, a partir de deixados de Rousseau (1712-1778), sustenta que o próprio trabalho provoca mudanças na vida social e nos seres humanos, e isso reforça a necessidade de trabalhar, pois traz produtividade, mobilizando nos momentos críticos novos trabalhos. Afinal,

[...] todo valor se determina não segundo os instrumentos que permitem analisá-lo, **mas segundo as condições de produção que o fizeram nascer; e, mais ainda, essas condições são determinadas por quantidades de trabalho aplicadas para produzi-las** (FOUCAULT, 1999, p. 276, grifo nosso).

No Brasil, em particular, essa condição de produção em que emerge a racionalidade associada ao trabalho em uma relação que envolve saber, poder, verdade na constituição do sujeito merece atenção, uma vez que o processo de formação docente passou por uma série de transformações, provocando rupturas, segmentação das políticas educacionais,

burocratização da organização e funcionamento dos cursos, descontinuidade e incoerência sobre o ponto principal do discurso, se o conteúdo ou a forma, dentre outros.

Em vista desses inúmeros problemas, é imperioso destacar o dilema proposto por Saviani (2011) sobre a noção de competências versus a impossibilidade de superar a incompetência formativa, em que se valoriza a construção da formação docente pelo seu fim pedagógico. Segundo o autor, essa perspectiva necessita do binômio de Piaget (1896-1980), a saber, equilíbrio e acomodação, em que há a necessidade de mecanismos de adaptação e a construção de competências distantes da racionalização e mais próximas da afetividade, o que, para Saviani (2011), leva a uma restrição à cotidianidade, que “[...] redundando numa extrema incompetência dos novos docentes para lidar com a complexidade da tarefa pedagógica.” (SAVIANI, 2011, p. 13).

Isso porque remete à precarização da profissão, o que, por conseguinte, interfere diretamente na valorização do trabalho enquanto relação de poder. Assim, diminui o seu valor frente ao contexto em que se apresenta, uma vez que a formação surge como a premissa de valoração, mas o cenário se apresenta pouco atrativo e precário, de forma que:

[...] por um lado o entendimento de que o trabalho docente é condicionado pela formação resulta uma evidência lógica, assumindo o caráter consensual do enunciado de que uma boa formação se constitui em premissa necessária para o desenvolvimento de um trabalho docente qualitativamente satisfatório. Inversamente, é também consensual que uma formação precária tende a repercutir negativamente na qualidade do trabalho docente (SAVIANI, 2011, p. 10).

Tardif (2000) evidencia que os cursos de formação docente geralmente embasados em um modelo aplicacionista que porta vários problemas, como por exemplo, ser projetado

conforme uma lógica disciplinar caracterizada por algumas limitações para a formação docente como o fato de algumas disciplinas, como Psicologia, Filosofia e Didática, serem um tanto isoladas entre si e terem uma curta duração, impactando fracamente os alunos; por ser um modelo em que há uma dicotomia entre o conhecer e o fazer no qual se ensina que o fazer está sempre subordinado ao conhecer e em que os alunos são tratados como “virgens” de conhecimento, não se considerando suas convicções e concepções prévias acerca do ensino.

Cogitar a formação tendo-se como expectativa a profissionalização demanda uma nova maneira de planejar a formação docente. Traduz-se no investir da ultrapassagem de modelos formativos embasados em uma racionalidade tecnicista e na indicação de oportunidades de concretização de propostas formativas centradas na racionalidade crítica, o que culmina com a formação de profissionais abertos para a contínua aprendizagem sobre o seu trabalho e, essencialmente, para a reflexão acerca de sua ação, que é efetivada em ambientes de partilha de experiências e de coletividade (BRITO, 2014).

Particularmente, quanto aos exercícios de formação de professores, o campo investigativo ao qual a mesma está mais propensa, é o que concerne ao ensino como uma prática reflexiva. Diante disso, trata-se de uma concepção que permeia não somente a formação docente, mas também o currículo, o ensino, a metodologia docente. O pensamento é de que o professor seja capaz de desenvolver a capacidade de refletir sobre a sua própria prática, para com isso, o mesmo poder desenvolver um maior propósito e uma maior reflexão acerca da sua profissão (LIBÂNEO, 2007).

A formação torna-se determinante no produto final, quer ele seja o meio, quer tenha fim em si mesmo. Isto é, a formação para que o professor possa exercer sua atividade e disseminar o conhecimento em sala de aula, nos ensinos secundários e primários, importa

para o reconhecimento desta como mecanismo do produto final identificado naquele público, ou mesmo para que sirva como uma mera transmissão de saberes, para construção de paradigmas de vinculação, determinação de padrões aceitáveis de qualidade, dentre outros fatores, na conjuntura, que serve para identificar os fatores de valor do trabalho.

Nesse sentido, a atividade dos professores enquanto trabalho deve ser compreendida como conceito econômico, à medida que se detém sobre ele o esforço humano destinado, que justifica, a partir de sua formação, da divisão do trabalho na escola, buscando atingir o objetivo da escola ou do sistema e isso ocorre mais ou menos como representações que lhe confrimam mais valor. Além disso, todo o processo de formação merece ser compreendido a partir do conceito de raridade, também delineado por Foucault (1999), pois envolve questões de repetição, transformação, reprodução de discurso, mesmo diante de sua singularidade, permeando a relação de poder existentes nos discursos, que se vincula dentro ou fora da escola, remetendo à questão da própria subsistência e desenvolvimento da sociedade e do comércio.

É certo que pode assim ser conceituado, mas aqui reside na crescente demanda existente para a incorporação no sistema educacional e manutenção dos processos de capacitação:

Como a pendência da morte se faz mais temível a proporção que as subsistências necessárias se tornam de mais difícil acesso, o trabalho, inversamente, deve crescer em intensidade e utilizar todos os meios de se tornar mais prolífico. Assim, o que torna a economia possível e necessária é uma perpétua e fundamental situação de raridade: em face de uma natureza que por si mesma é inerte e, salvo numa parte minúscula, estéril, o homem arrisca sua vida (FOUCAULT, 1999, p. 277).

Desse modo, mesmo com as diferentes compreensões sobre as necessidades diretas do processo de formação de professores, o

trabalho é uma necessidade em maior ou menor grau, haja vista o processo de aprendizagem hoje estar intrínseco à globalização e ao desenvolvimento das ciências. Assim, surge o novo perfil desse profissional, produto de um processo de construção específico, que acarreta mais valor à sua formação. Assim, o valor tem como medida não mais a simples moeda. Nessa perspectiva, passa a ser:

[...] evidente que o trabalho é a única medida universal, e também a única medida justa do valor, ou seja, é o único padrão em relação ao qual se podem referir os valores dos diferentes bens, em todos os tempos e lugares (SMITH, 1987, p. 129).

Por isso, a formação de professores se torna objeto importante nas discussões que envolvem o conceito de trabalho, uma vez que é compreendida sua relevância nesse cenário no momento da realização do bem ou serviço, enquanto meio de produção, que é a própria formação do docente. Foucault (2001) concluiu que os saberes se voltam para a vida, para a natureza do homem, para as relações sociais. Então, cada trabalhador é um “caso” objetivado, descrito, tabelado, codificado, normalizado, pois o normal determina os meios de transformação dos indivíduos, toda uma tecnologia do comportamento do ser humano.

As instituições de formação, segundo Foucault (2004), favorecem certos princípios normalizadores, como horários rígidos, currículo delimitado e fragmentado ou outra norma que torna a formação docente um pilar de análise quanto às representações que o trabalho vai proporcionar, seja pelo exercício de docência em si, seja pela educação, por ser professor, por ser aluno, pelo processo de ensino e de aprendizagem, enfim, seja qual for o foco de estudo/pesquisa o valor que o trabalho proporciona deve aproximar o professor do seu papel pedagógico, aprofundado nas relações indispensáveis ao educador com o seu público. Nessa linha, Gatti

(2010) cita que a proposta nos documentos legais e nas discussões da área também se mostra comprometida desde essa base formativa devido ao desequilíbrio entre a relação teoria e prática.

Assim, em específico sobre o processo de formação docente ante as anotadas configurações sobre a visão de trabalho de Foucault, é imprescindível que tal ponderação seja realizada acompanhando a realidade enfrentada por essa população, analisando o trabalho em suas relações contraditórias, quais sejam:

[...] como mercadoria e como realização humana produzida historicamente – e em suas articulações com as transformações que ocorrem no campo do trabalho produtivo, com a reestruturação produtiva e a inserção do Brasil no processo de globalização e competitividade internacional (FREITAS, 2002, p. 160).

Destarte, analisar esse processo sob a ótica de trabalho permite uma discussão sobre o desempenho e a competitividade, bem como a autonomia e aprimoramento, colocados à margem com o desenvolvimento de políticas neoliberais atreladas à educação, de modo que passou a ser cada vez mais importante aprofundar-se no processo histórico da educação, seus fins e os seus conteúdos, a fim de superar a taxatividade com que são julgados os docentes hoje, além da adequação com a realidade, que mede os profissionais de acordo com o resultado em reduzir suas competências para a promoção de empregabilidade dos discentes, surgindo assim

[...] uma “nova” competência geral propugnada pelas diretrizes oficiais a ser desenvolvida no ensino médio profissional e que se traduz pela mobilidade entre múltiplas atividades produtivas, imprescindível numa sociedade cada vez mais complexa e dinâmica em suas descobertas e transformações [...] (FREITAS, 2002, p. 159).

Isso porque permite identificar o papel do profissional sob a ótica do capitalismo e do capital, já que, se há uma análise em vista do mercado, o que é necessário para o seu desenvolvimento, não pode limitá-lo quando se consideram as reais necessidades de reforma no processo educativo, de modo que os paradigmas postos para a formação devem transformar subjetivamente a noção de trabalho dessa categoria, a fim de garantir o seu objetivo no que diz respeito ao público-alvo e não apenas como representação de valor, mesmo sendo esse um aspecto importante de sua configuração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista do exposto, depreende-se, primeiramente, acerca da mudança no conceito de trabalho, decorrente do processo evolutivo e histórico da humanidade, no sentido de que o valor não mais se limita à quantidade de trabalho depositado em um processo para a obtenção do produto final, mas amplia-se essa noção preexistente para que se possa abarcar o viés qualitativo desse conceito quanto aos procedimentos e às finalidades. Nesses termos, urge pensar o termo trabalho na perspectiva da formação de professores.

Nesse sentido, é necessário destaque no estudo com foco no percurso formativo de professores enquanto trabalho, podendo, sob esse prisma, ser considerado seu valor enquanto processo e também finalidade, ou seja, envolver os sujeitos que fazem parte do contexto educacional, a estrutura legal, o processo pedagógico, a relação teoria e prática e demais aspectos relativos à atividade didática e reflexões associadas.

Deste modo, há a necessidade, na formação docente, de fomentar uma visão qualitativa para aprimoramento do profissional, pois, com base em Foucault a tensão que ocorre invade uma relação mais ampla, logo uma relação que envolve um cenário em que as políticas públicas voltadas para o setor são ineficientes, apresenta inúmeros fatores complexos, como

a política educacional, os currículos, as ementas dos cursos de formação, a soberania da teoria em detrimento da prática, conflitos, problemas sociais, dentre outros fatores aos quais um professor precisa estar preparado para enfrentar e contribuir de forma significativa com a sociedade, por isso suscitar a utilidade e a raridade que o trabalho pode oferecer. Portanto, o professor deve estar capacitado para construir soluções em sua ação, mobilizando seus recursos cognitivos e afetivos para contribuir com seu público-alvo – o estudante, em uma atuação consciente.

Por conseguinte, fazer essa ponderação, no que tange à formação de professores, proporciona um novo olhar sobre os recursos financeiros e humanos que estão sendo destinados à classe. Deste modo, não merece interpretação diversa no que corresponde às qualificações voltadas às licenciaturas. Isso porque, deve haver a valorização do profissional e que seja impresso, em sua figura, todo o valor que Foucault (1999) promove ao discorrer sobre o aumento da representação financeira do mercado proporcional aos investimentos destinados ao processo formativo de professores.

Nesse sentido, trata-se, pois, de considerar a forma sobre o conteúdo, uma vez que o processo de formação docente, quando preocupado com o papel do educador, sobretudo nas séries de base, direciona seus esforços para a capacitação pedagógica e para a necessidade de o profissional não ser um mero reprodutor de conteúdos, de forma que ali se pressupõe a construção de um valor muito além da racionalidade e da mera utilidade.

Ou seja, o trabalho docente provoca mudança na vida social e nos seres humanos, logo, há a necessidade de uma formação consistente voltada para os reais problemas da vida em sociedade em que a superação deve vir mobilizada pelos recursos cognitivos, afetivos, tecnológicos, comportamentais dos envolvidos. Considera-se, portanto, um processo humanizado, todas as qualidades e

características indissociáveis do indivíduo mesmo enquanto *homo economicus*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBORNOZ, S. O que é trabalho. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

BATISTA, J. L. C. de; GUIMARÃES, J. R. A gestão do trabalho, do homem e da vida a partir do pensamento de Michel Foucault. *Kínesis*, vol. 01, n. 02, outubro/2009, p. 124-133. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/1984-8900.2009.v1n02.4313>. Acesso em: 03 de nov. de 2021.

BRITO, A. E. Estágio supervisionado na formação de professores: relato de experiências. Disponível em: <http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro4/35.%20EST%C3%81GIO%20SUPERVISIONADO%20NA%20FORMA%C3%87%C3%83O%20DE%20P>. Acesso em: 15 de mar. 2022.

FOUCAULT, M., 1926-1984. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção tópicos).

FOUCAULT, M. História da Sexualidade I: A Vontade de Saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 14. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

FREITAS, H. C. L. de. Formação de professores no Brasil: 10 anos de embate entre projetos de formação. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 80, setembro/2002, p. 136-167. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302002008000009>. Acesso em: 08 de nov. 2021.

GATTI, B. A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 113, outubro-dezembro/2010, p. 1355-1379. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302010000400016>. Acesso em: 08 de nov. 2021.

LIBÂNEO, J. C. Adeus professor, adeus professora? : novas exigências educacionais e formação docente. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

RICARDO, D. Princípios de economia política e tributação. Coleção Os economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

SAVIANI, D. Formação de professores no Brasil: dilemas e perspectivas. *Póiesis Pedagógica*, v. 9, n. 1, p. 07-19. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rpp.v9i1.15667>. Acesso em: 08 de nov. 2021.

SMITH, A. Inquérito sobre a natureza e as causas da riqueza das nações. Trad. Teodora Cardoso e Luís Cristóvão de Aguiar. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

SMITH, Adam. A mão invisível. Trad. Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras/Penguin Classics, 2013.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. *Revista Brasileira de Educação*, n. 13, jan./abr. 2000.

THIRY-CHERQUES, H. R. Foucault e a gestão do trabalho. *Revista Estudos de Administração e Sociedade*, v. 02, n. 1, 2017, p. 8-20. ISSN 2525-9261. Disponível em: <http://www.revistaees.uff.br/>. Acesso em: 15 de mar. 2022.